

DEPOIMENTO

*José Mindlin**

Se todos os leitores empolgados pela obra de Guimarães Rosa comparecessem a este evento, não só não caberiam neste recinto, como não creio que Belo Horizonte seria suficiente para contê-los. Depois de Machado de Assis, não sei de nenhum escritor nosso que tenha passado a fazer parte da vida de tantos leitores brasileiros quanto Guimarães Rosa, e que tenha estimulado tanta pesquisa e tantos estudos críticos. Houve Euclides da Cunha, naturalmente, mas creio que o interesse público que sua obra despertou não seja da mesma natureza, e embora *Os sertões* seja um livro fundamental, creio que teve e tem menos leitores apaixonados do que Machado e Guimarães Rosa. É um grande escritor, mas não conseguiu ser um escritor popular. O público que lhe é fiel é um público erudito, ao passo que seus companheiros de glória atingem o coração e o intelecto de leitores das mais diversas camadas, e idades. Euclides alcançou admiração geral, mas certamente tem menos leitores apaixonados do que os outros dois. Posso estar enganado, mas ao menos comigo acontece isso – Euclides me impressionou muito, mas Machado e Guimarães Rosa se tornaram, desde a primeira leitura, meus companheiros de vida. Naturalmente há muitos outros escritores excelentes, mas num breve depoimento como este achei mais indicado, ou pelo menos mais fácil, limitar-me a esses três grandes expoentes.

Este “Seminário” dedicado a Guimarães Rosa é uma das muitas homenagens que através dos anos lhe vêm sendo prestadas, e recebi como uma honrosa distinção, que agradeço, o convite para ser um dos participantes. Vejo aqui reunidos estudiosos de sua obra sob os mais variados aspectos, e não me aventuraria a me apresentar como sendo um deles. Sou, na realidade, pura e simplesmente, um leitor apaixonado. Mas tive com Guimarães Rosa um contato pessoal curioso, com algumas impressões contraditórias, e fui descobrindo, no decorrer dos anos, facetas insuspeitadas. Uma delas surgiu recentemente, e por isso me pareceu cabível fazer neste ambiente uma breve comunicação a respeito.

Meu conhecimento com ele data dos anos 40. Durante um mês, em Paris, tivemos encontros diários, juntos percorrendo livrarias, falando sobre Deus e o mundo, mas não tendo, em momento algum, a mínima indicação de que fosse escritor. Bom conversador, simpático e culto, mas apresentando certa vaidade e futilidade, mais interessado nas aparências do que na substância dos homens e das coisas. Isso

* Bibliófilo. Escritor.

foi em 1946. Voltando ao Brasil, surpreendeu-me o sucesso de **Sagarana**, que acabava de ser publicado e premiado. Com a desconfiança que sempre tive dos livros de sucesso imediato (os chamados “best-sellers”, com perdão do anglicismo), preferindo esperar que decantassem antes de serem lidos, não li **Sagarana**. O que eu tinha conhecido de Guimarães Rosa não me havia instigado a vencer minha resistência. E esqueci do assunto. Só quando saiu **Corpo de baile**, e logo depois **Grande sertão: veredas**, é que a insistência de amigos me levou a começar a leitura, a partir de **Sagarana**. E aí vi que tempo precioso eu tinha perdido, mas tratei de recuperá-lo e felizmente consegui. Nem preciso falar das releituras, que foram e ainda vão ser várias. Mas ficou em mim a dúvida sobre o que podia ter provocado o desinteresse inicial, e depois, ter feito surgir uma paixão duradoura. A conclusão a que cheguei foi que Rosa era um homem com dupla personalidade: uma exterior, reservada, vaidosa e aparentemente fútil, e outra interior, absolutamente genial. Encontrei-o poucas vezes depois disso, embora fosse bom amigo de meu irmão Henrique, até que um dia recebi um pedido de Edoardo Bizzarri, perguntando se poderia pedir ao Rosa autorização para publicar a correspondência entre eles trocada a propósito da tradução de suas obras. Transmiti a consulta a meu irmão, que, falando com Rosa, obteve imediato assentimento, mas ele sugerindo que aguardássemos sua próxima ida a São Paulo, quando falaria comigo e com o Bizzarri, acertando os detalhes. Infelizmente, não houve o encontro, pois pouco depois faleceu.

Ficou, assim, em minha lembrança, a idéia da dupla personalidade, sem que eu tivesse chegado, aqui no Brasil, a uma relação de intimidade com Guimarães Rosa.

Passaram-se novamente muitos anos, quando o acaso me proporcionou uma visita de seu enteado, Eduardo Tess, e os dois filhos dele, Vera e Eduardo, trazendo para exame o chamado “Primeiro rascunho” de **Grande sertão**, e o “Segundo rascunho”, que é cópia carbono da versão original que temos na biblioteca, e que foi utilizado para a primeira edição. No primeiro, e no nosso, há muitas correções manuscritas, do próprio Rosa, e no segundo bem menos, mas agora estão os três microfilmados, permitindo um estudo pormenorizado. O que também trouxeram, no entanto, e que foi uma grande surpresa, foi um conjunto de cartões postais escritos por Guimarães Rosa à sua neta Vera, quando esta tinha 3 ou 4 anos de idade. Esse é o objeto desta comunicação. Revelam os cartões uma faceta de extremo carinho e humor, e de extraordinário contato com a infância, que para mim foi uma surpresa, como imagino que será surpreendente para muitos leitores e estudiosos de Rosa, pois não condiz com a imagem que dele me tinha ficado dos encontros em Paris, nem com o genial criador das obras que todos admiramos. É possível que amigos íntimos, dele e de sua família, conheçam esse aspecto de sua personalidade, mas acredito que fora desse pequeno círculo, os cartões revelam um traço desconhecido de sua personalidade, e por isso os estou projetando agora, em forma de comunicação de uma criatividade de Guimarães Rosa totalmente descontraída e identificada com a alma infantil, que merece ser conhecida.